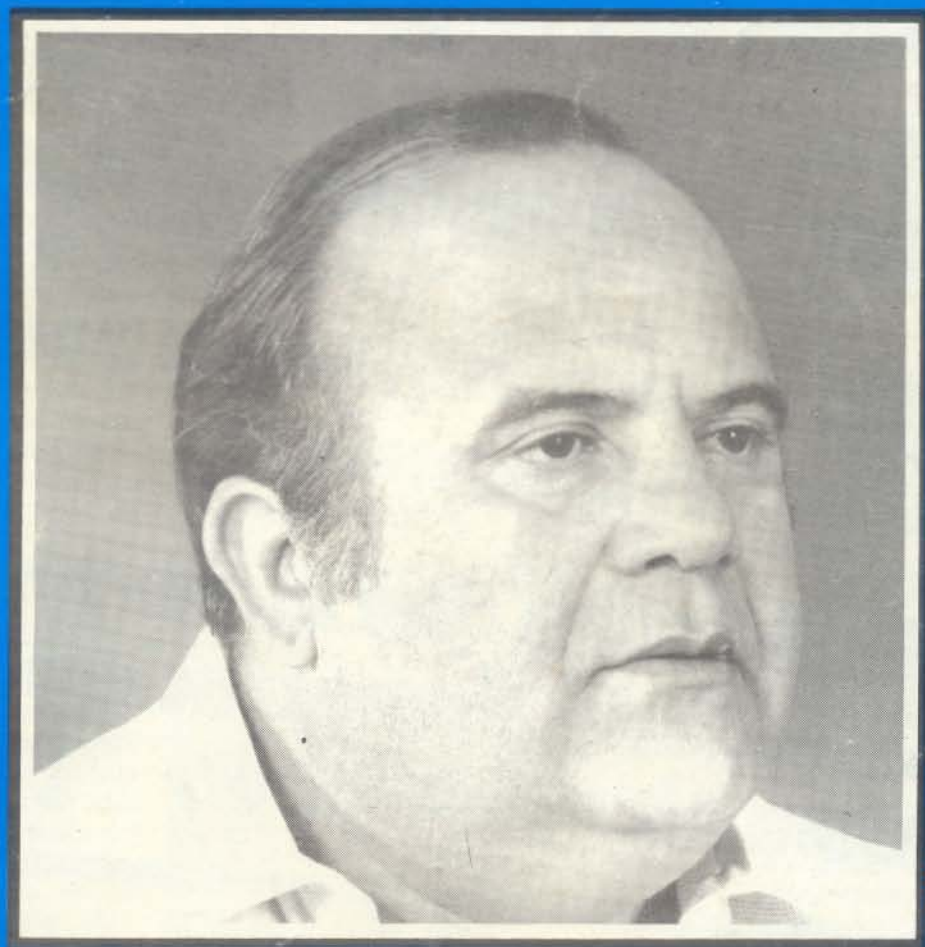


ENTREVISTA:
Fernando Coelho
Presidente da OAB-PE

REVISTA

AGRESTE

Janeiro/Fevereiro de 1985 • Ano 2 • Nº 5 • Cr\$ 2.500



José Marcos de Lima,
Prefeito de São José
do Egito

NESTA EDIÇÃO:

- O Carnaval da Democracia em Pernambuco
- A Nova República e o Nordeste
- As chuvas artificiais no Nordeste Brasileiro
- Sete prefeituras do Interior divulgam suas realizações do 2º ano de trabalho

Reflexões em torno da problemática do semi-árido nordestino

Costuma-se habitualmente no Brasil confundir levantamentos com pesquisa, sistemática com ciências, técnico com cientista.



A configuração social do semi-árido nordestino tem motivado, ao longo de sua ocupação, inúmeras interpretações. Interpretações que são oriundas dos diversos segmentos da sociedade e necessariamente marcadas por enfoques peculiares, inerentes a cada segmento envolvido. Enquanto que uma modificação estrutural no processo de ocupação da região interessa a uma grande parcela da população que não consegue melhorar a sua qualidade de vida através de seu trabalho, outros segmentos da sociedade interessam-se pela manutenção do status quo, componente indissociável de sua manutenção junto ao poder. Outros segmentos, ainda, envolvidos por circunstâncias conjunturais, assumem posições ingênuas, algumas das quais conflitantes, acreditando terem captado a realidade. Dentre estes últimos destacam-se os que propõem soluções individualizadas, segmentadas pela sua própria natureza, incapaz de se coadunarem com a complexidade do todo. Soluções estas, que até em muitos dos casos, possuem substância

dentro de suas áreas específicas, porém diluem-se pela inexecutabilidade de sua aplicação no conjunto. Exemplificando, um meteorologista poderá acreditar que o bombardeamento de nuvens seja a solução para os problemas encontrados no Nordeste semi-árido. Premissa falsa, alicerçada entretanto em um conjunto de experiências concretas. O bombardeamento de nuvens de fato promove a precipitação, entretanto, a variável hídrica não é a única responsável pela situação encontrada no Nordeste. Conseqüentemente, a sua utilização, que de fato fará chover, promoverá apenas, de forma paliativa, uma atenuação do problema global. A estrutura fundiária permanecerá a mesma, as relações de produção também, a despeito até, muitas vezes de grandes investimentos envolvidos. A este exemplo poderiam ser anexados algumas centenas de outros que apenas viriam a comprovar sua ineficácia. Ineficácia, repita-se, não pelos seus resultados imediatos, mas pela sua não integração ao complexo como um todo. Caso o objetivo fosse, de forma emergencial,

suprir momentaneamente de água uma população, não deveria ser nem cogitado o valor da operação. Entretanto, tratando-se de uma medida proposta como solução, o valor de cada gota d'água, obtida através deste procedimento, deverá ser computado e submetido a uma análise de viabilidade econômica. De modo análogo, as múltiplas propostas existentes, e em franca proliferação, deveriam ser submetidas a igual análise. Apesar dos poucos e discriminados recursos destinados ao Nordeste, observa-se freqüentemente a sua má verasão através de obras ditadas por modismos temporais, inconsistentes em essência, que não têm trazido retorno social compatível a seus custos. O número das soluções propostas para o equacionamento dos problemas detectados na região, encontra-se de tal ordem avolumado que provavelmente supera quantitativamente os próprios problemas existentes. Ao se promover um levantamento, destas "soluções", observa-se a coexistência de diferentes óticas de enfoque que se apresentam desde a forma simplisticamente

mística a complexamente política. Esta última, revestida por envolvimento econômico, alguns dos quais claudicantemente apoiados em postulados científicos. Flutuando com modismos temporais, verifica-se a alternância da prevalência destes enfoques que em seu retorno costumam revestir-se de adendos, alguns dos quais, de natureza faraônica. A ineficácia destas soluções faz-se notar ao longo do tempo brasileiro, com repercussões profundamente negativas para a população que habita a região de forma particular, comprometendo, de forma mais ampla, a integridade do País.

O possível equacionamento dos problemas encontrados no semi-árido, deverá brotar de uma conjugação de ações, que de forma globalizante enfoque o problema. Desta conjugação de ações entenda-se o envolvimento das experiências vivenciadas pela população que habita a região, interrelacionada com a pesquisa e o conhecimento científico, repassada e retrabalhada pelo setor técnico, consubstanciada pela ação política.

Como, das inúmeras possíveis saídas para a resolução dos problemas aí encontrados, cogita-se, por vezes, da intervenção científica, passaremos a desenvolver algumas reflexões voltadas para esta possibilidade, reafirmando, entretanto, que não passarão de palavras vãs se encarradas isoladamente. A intervenção científica na resolução dos problemas da região semi-árida é assunto dos mais complexos em virtude da pouca consciência, que na maioria das vezes, se possui do tema em questão. Por incrível que possa vir a parecer parte das instituições brasileiras voltadas para atividades de pesquisa, não o fazem. Não por má-fé ou negligência mas sim por ingenuidade. Ingenuidade que conduz a uma generalizada distorção da conceituação de uma pesquisa científica. Distorção, por sua vez, absorvida por algumas agências de financiamento, por segmentos da classe política e pelo

povo em geral. As conclusões obtidas a partir destes procedimentos passam normalmente a ser absorvidas e consumidas como sendo verdades emanadas ou produzidas pelo conhecimento científico. Grande falácia. **Costuma-se habitualmente no Brasil confundir levantamentos com pesquisa, sistemática com ciência, técnico com cientista.** Enquanto que o cientista é preparado para o questionamento, para o desequilíbrio, para o rompimento, para o nunca estar satisfeito com a verdade alcançada, para o sempre continuar na perseguição de uma nova verdade que mais se aproxime da realidade, o técnico é preparado para a aplicação do conhecimento, para a execução e até melhoria de técnicas já existentes, ou mesmo ainda para a criação de novas técnicas mas sempre consoante os princípios científicos existentes. Ao tentarmos estabelecer uma demarcação do conhecimento científico, tarefa aliás não muito fácil, podemos constatar as interpenetrações existentes entre o que pode-se chamar de senso comum, o conhecimento científico, e a ideologia. Interpenetrações indissociáveis, porém marcadas por práticas comportamentais distintas. O conhecimento do chamado senso comum, no caso do semi-árido, partilhado pelas populações que habitam a região, fruto das injunções ideológicas que caracterizaram a organização da produção no período colonial, desenvolveu uma ótica patógena, historicamente úmida, através da qual passou a diagnosticar a região. Visão determinista e inibidora que tem provocado bloqueios no "campo científico". Sobretudo em uma "ciência" questionável do ponto de vista epistemológico, pois como vimos anteriormente é em muitos casos o trabalho técnico confundido com uma pesquisa científica. Portanto, o esperado "rompimento" através do conhecimento científico não se processa, mas surgem afirmações técnicas aceitas como científicas que apenas corroboram posicionamentos ideológicos justificados por uma pseudo-ciência. Infelizmente, este procedimento encontra-se

bastante disseminado nas Universidades, que em princípio seriam o ambiente propício para o desenvolvimento destas atividades. Seria de estranhar, apenas como exemplo, que um técnico envolvido em uma "pesquisa" de melhoramento de pastagem se voltasse para questionar se a pecuária deveria ser praticada no semi-árido. Seu esforço seria imediatamente dirigido para encontrar um tipo de forragem que resistisse por mais alguns dias a estiagem. É por razões desta ordem, embora caricaturada, que a maioria das "pesquisas" desenvolvidas na região semi-árida, visando melhorar a qualidade de vida de sua população, não passam de tentativas vãs de melhorar os erros secularmente implantados naquela região. A despeito destas rigorosas considerações vale salientar que existem grupos no País que realizam pesquisa científica em nível internacional consoante os mais exigentes preceitos epistemológicos. Provavelmente estas reflexões não agradarão parte dos leitores e sobretudo alguns órgãos de "pesquisa" sediados na região, entretanto, tomaria a liberdade de propor que, antes de adotarem uma reação de repulsa ou descaso, procurassem contactar os mais elementares manuais de filosofia da ciência para que com base epistemológica, indispensável a desenvolvimento de uma Pesquisa, criticassem estas reflexões. Pois enquanto as pesquisas científicas não forem realizadas por cientistas ao invés de técnicos, o "rompimento" não ocorrerá com relação ao semi-árido havendo apenas a proliferação de técnicas que historicamente já se demonstraram ineficazes. Não se tem encontrado resultados satisfatórios com relação ao semi-árido não apenas por falta de recursos destinados à pesquisa da região mas sobretudo por questões de natureza metodológica.

Marcos Albuquerque é arqueólogo e professor da UFPE. É colaborador de AGRESTE.



procenge

PROCESSAMENTO DE DADOS E ENGENHARIA DE SISTEMAS LTDA.

Controlar a arrecadação com eficiência é fundamental para atender às necessidades do município.

O prefeito SÉRGIOFREDO SANTA CRUZ, de Carpina, consciente disso, contratou os serviços de computação da procenge.

Em Carpina trabalha-se.

Cadastramento, cálculo e lançamento do IPTU, ISS e taxas. Emissão de carnês, controle do recebimento e livro de dívida ativa. Folha de pagamento. Contabilidade e controle do orçamento.

Estrada do Arraial, 3108 - Fone: (081) 268-2877 - Telex: (081) 1841 - CEP 50.000 - Recife - Pernambuco

Texto disponibilizado pelo site Brasil Arqueológico – Equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco - <http://www.maqmarqueologia.pro.br/>

Conteúdo protegido pela lei de direitos autorais. É permitida a reprodução parcial ou total deste texto, sem alteração de seu conteúdo original, desde que seja citada a fonte e o autor.

COMO CITAR ESTA OBRA:

ALBUQUERQUE, Marcos. Reflexões em torno da problemática do semi-árido nordestino.
Agreste, Recife, n. 5, p. 34, jan./fev. 1985.